

Aulas-Cenas

*Não as penso isoladas
dadas
Mas trechos de percursos
cursos
Não frases de poemas
temas
Mas obras coletivas
vivas*

Luis Carlos de Menezes¹

Professores Produtores

Contidas em um tempo limitado, aulas são trechos de um percurso que lhes dá significado e, ainda que concebidas por quem vai conduzi-las, elas são experiências coletivas, não antecipáveis. Mas como não há jornada sem projeto, cada aula deve ser planejada como se os professores fossem produtores de um filme, programado antes de se conhecer os atores, seus novos alunos, esses imprevisíveis seres singulares.

As aulas são as cenas, as etapas são os episódios e o filme é a realização de todos. Os alunos são a um só tempo os intérpretes, os iluminadores, os câmeras, partícipes ativos da obra coletiva de aprender. As primeiras aulas servirão para a preparação do elenco, as seguintes são como ensaios, até que todos possam participar pra valer da filmagem do que foi previsto no roteiro.

¹ Físico e educador na Universidade de São Paulo

Na proposição das atividades que constroem o aprendizado, a professora ou o professor tem, sobretudo, a função do produtor, mas em cada aula, eles dirigirão as cenas e seus alunos serão seus protagonistas e coadjuvantes, o espetáculo formativo sendo ainda melhor se todos fizerem conscientemente seus papéis.

A partir da compreensão de que aprende quem faz, todos serão estimulados a fazer o que promova seu aprendizado. Assim, organiza-se a ação para que, conversando e lendo se aprenda a falar e ler, contando e avaliando se aprenda a calcular, usando mapas se aprenda a se localizar e deslocar, trabalhando junto se aprenda a cooperar. É assim no contexto e a serviço de uma sequência mais ampla que cada aula-cena é concebida.

Recepção e Apresentação do Roteiro

As primeiras aulas são momentos de conhecimento recíproco. Especialmente se a turma é nova, os alunos começam a se conhecer em diálogos, adequados a cada fase, tratando temas de interesse comum. E enfrentando desafios lúdicos, eles revelam, no início de cada período, conhecimentos prévios, habilidades e traços de personalidade. Nessa etapa, se avalia a condição de chegada e também os professores se fazem conhecer, ganhando a confiança da turma, se souberem revelar liderança e compreensão.

Essa fase de recepção vai gradualmente sendo sucedida pelos primeiros ensaios e, em seguida, pelo desenvolvimento do roteiro, à medida que se vá conhecendo o elenco, ou seja, características e diferentes condições de entrada dos estudantes. A partir disso, será possível propor uma variedade de atividades, para que todos encontrem as que os motivem e diante das quais estejam à vontade.

Por exemplo, numa turma em que a maioria já esteja escrevendo, uma criança com insuficiente condição de alfabetização pode ser estimulada a desenhar e a se expressar oralmente à medida que vá acertando o passo. Da mesma forma, um jovem carecendo de conhecimentos prévios para uma atividade coletiva pode ser encorajado a apoiar seu grupo mobilizando outra habilidade, como organizar e distribuir tarefas ou fazer buscas em ambientes virtuais.

Reconhecer e registrar a condição de entrada e propor a diversidade de possibilidades de engajamento em práticas coletivas evita que alguns se sintam incapazes de acompanhar os primeiros movimentos de seu grupo e, por conta disso, se auto-segregarem ou serem segregados. Uma mera diferença de ritmo pode resultar em defasagem permanente, por isso é preciso adequar atividades a cada aluno para que a turma possa avançar sem deixar ninguém para trás.

No momento adequado, os professores devem sinalizar o trajeto a ser percorrido, até mesmo por escrito. Mesmo crianças pequenas podem compreender o sentido de cada cena, se toda

aula for sempre percebida como um convite para participação voluntária, e também suas famílias podem acompanhar o previsto e o realizado. Em turmas mais avançadas, é possível explicitar diretamente aos alunos o roteiro e sua mensagem, contando o que se vai aprender em cada etapa ao realizar quais atividades. Se os objetivos do aprendizado forem compartilhados, pode-se ganhar cumplicidade e corresponsabilidade para cumpri-los.

Primeiros Episódios para Construir o Elenco

As primeiras etapas de um curso são sempre as mais importantes, porque nelas os estudantes desenvolvem confiança ou temor, esperança ou desconfiança, receptividade ou preconceito. A atitude de quem ensina é tão importante quanto suas ações, como nas primeiras cenas de um filme em que, com um simples olhar, o personagem central já prenuncia seu caráter. Professores não podem subestimar a importância de sua centralidade, que faz de cada gesto algo simbólico e, especialmente, uma impressão inicial pode se mostrar irreversível.

Podemos então discutir o que é dirigir a cena. Antes de tudo, é ter clareza de que os protagonistas e coadjuvantes são os alunos, e de que quem dirige atento ao script escolhe as linguagens a serem empregadas e os conceitos a serem aprendidos. E cumprir o roteiro, que é função do professor, é preparar a ação de quem interpreta, pois o ato de ensinar só se

realiza no ato de aprender, o que está longe de ser óbvio, mesmo que pareça.

Com essa compreensão, quem dirige não se pergunta o que deverá fazer em cena, mas sim o que levará os atores a fazerem seu papel e, se estes erguerem a voz em hora imprópria ou se mostrarem apáticos, dirigir não é reagir a gritos com gritos, ou a apatia com apatia, mas orientar a interpretação correta com delicadeza, firmeza e compreensão.

Estabelecida essa relação de trabalho, pode-se dizer que o elenco está preparado, não porque daí para frente seja mera rotina, mas porque as atitudes básicas terão sido aprendidas, as regras de convívio estabelecidas e todos já terão se percebido responsáveis pelos resultados. Essa etapa formativa pode levar algum tempo, mas vale cada instante empregado, pois os professores poderão então prosseguir seu trabalho com a turma preparada. Para o sucesso ou insucesso do aprendizado de todos, o esforço de “construir a turma” faz toda a diferença.

Realizar e Avaliar ao Mesmo Tempo

Na produção de uma obra coletiva, como o conduzir do aprendizado de uma turma de alunos, é insensato deixar a avaliação do trabalho para depois da conclusão ou, por assim dizer, delegar isso “só para a crítica”. Garante-se êxito quando se avalia continuamente o que se faz, com um entendimento

básico de que conduzir aulas, como dirigir cenas, é exercer contínua avaliação.

Se uma atividade física envolve correr e saltar, ela própria dá elementos para ser avaliada e basta um registro regular do alcançado, sem que seja preciso uma “prova de salto e corrida” feita à parte. Vale o mesmo para coisas como redigir, calcular, elaborar tabela e a transpor em gráfico, ou expor em voz alta uma argumentação.

Em turmas grandes, no entanto, mestres levam provas para corrigir em casa pela dificuldade de analisá-las em classe. Sempre que possível, vale a pena buscar alternativas a essa velha prática. Por exemplo, em certas etapas a família pode ser convidada para essa avaliação, por exemplo, verificando se as crianças já sabem ajudar na organização da lista de compras ou a dimensionar ingredientes para se produzir múltiplo ou submúltiplo de uma receita. Em etapas mais avançadas, podem ser propostos exercícios de auto-avaliação ou de avaliação recíproca entre colegas, com a vantagem extra de, em algum tempo, os estudantes perceberem que, sendo os principais interessados em aprender, devem anunciar suas dificuldades para serem superadas, não escondê-las.

Há importantes objetivos formativos, como criatividade, iniciativa, coragem, perseverança ou companheirismo, que raramente são avaliados, até porque raramente estão explicitados no roteiro. Assim como para outras competências e conhecimentos, promover e avaliar estas qualidades não se faz

em ações necessariamente separadas. Uma sugestão possível seria, em cada componente curricular, conceber episódios envolvendo missões que demandem concentração individual, aventuras pautadas por desafios coletivos, ou outras atividades enfim que promovam e permitam verificar valores e qualificações sociais e afetivas.

Professores podem avaliar em processo sua capacidade de dirigir pelo clima de trabalho que consegue estabelecer e pode estimar sua eficácia formativa comparando cada episódio do roteiro que idealizou com o que de fato realizou. Noutras palavras, a ação do professor se vê nos resultados conseguidos pelos estudantes em cada etapa, em comparação com sua situação entrada, eis mais uma razão para registrar sua condição inicial.

Quando Mudar Roteiros e Cenas

Como qualquer metáfora, a que foi adotada aqui precisa ser relativizada. Em muitos filmes, produtores, diretores e atores trabalham para ganhar a atenção dos espectadores. Há também escolas em que os alunos também são meros espectadores, mas essa condição é a que se deseja combater, pois as crianças e os jovens devem ser autores, mais do que atores, de sua peça pessoal e social. Enfim, em um bom curso o objetivo principal é a formação de protagonistas.

Outra questão de nossa metáfora é que, geralmente, os produtores trabalham em função de roteiro pré-estabelecido, de cenas imaginadas. Pensando roteiro como currículo, os professores devem adequar seu projeto em função dos estudantes que recebem, que não podem ser mudados nem ser idealizados, e mudar seus planos, quando necessário.

Voltando à ideia com que foi iniciado este texto, de que o percurso a ser planejado envolve seres singulares e imprevisíveis, o trabalho educativo exige atenção permanente à complexa dinâmica da turma e a circunstâncias não antecipáveis. Ao longo do trabalho, podem ser exigidas modificações no roteiro como um todo, ou em uma aula-cena em particular, por um incidente escolar, um assunto trazido por um aluno, ou a percepção de que algum objetivo não foi cumprido como previsto.

Então, uma derradeira lição, para quem planejou um curso ou uma simples aula e se depara com algo novo, é a de se receber o imponderável como coisa natural na aventura de educar, sem apego radical ao originalmente planejado. Possivelmente, bons produtores e diretores de cinema saibam fazer uso do acaso na condução de seu trabalho o que constitui sabedoria das mais essenciais na arte de educar.

